

Ritmo através do tempo: dimensões de ancestralidade e filiação em *Sinners* (2025)¹

Julia Barroso da Silveira²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Resumo

Em *Sinners* (2025), vivências negras aparecem em contraponto ao exercício da branquitude, que, no filme, é manifestada tanto por pessoas brancas quanto por vampiros. Tendo isso em vista, o trabalho propõe uma diferenciação entre ancestralidade e filiação por meio de conceitos de Leda Maria Martins (2021) e Édouard Glissant (2021). A análise permite evidenciar como a colonialidade e a negritude³ atravessam o espaço-tempo, aproximando do presente dos amefricanos (Gonzalez, 2020) o passado comum da diáspora.

Palavra-chave: Racialidade; negritude; colonialidade; branquitude.

Sobre o filme

Dirigido por Ryan Coogler, *Sinners* centraliza sua narrativa em Samuel (interpretado por Miles Caton), um jovem negro do Delta do Mississippi, sul dos Estados Unidos. A história começa em 1932, quando Samuel reencontra seus primos e dá início à sua jornada como músico. As leis Jim Crow e a Ku Klux Klan (KKK) têm destaque no filme, evidenciando a colonialidade, ou seja, a permanência de construtos coloniais mesmo após a independência do país e a abolição. Para se tornar músico, então, Samuel precisa romper com as expectativas de seu pai, um pastor, e encontrar espaços de fuga diante do racismo e da segregação que limitam sua existência segura à igreja de seu pai e aos campos de algodão em que trabalha.

Um possível espaço de fuga é o Club Juke, uma *juke joint*⁴ que seus primos vão inaugurar. Lá, Samuel canta uma música que compôs para seu pai em uma cena que aponta o *blues* e a sua performance como ritualísticos, rompendo barreiras de espaço e tempo, invocando músicos e dançarinos negros do passado e do futuro. Essa performance chama a atenção de três vampiros – Remmick, um vampiro irlandês, e um

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom-UERJ), participa do Grupo de Estudos Sobre a Mestiçagem (Gesam) e do grupo de pesquisa Afrodiasporas. E-mail: barroso.julia@gmail.com.

³ A diferenciação de uso de “negritude” e “negritude” foi explicitada por Denise Ferreira da Silva em entrevista a Pollyane Belo (2024, p. 391-392): enquanto “negritude” diz respeito a um movimento estético, político, cultural e a uma filosofia, negritude é lida “como uma categoria do pensamento científico, social, moderno”.

⁴ Segundo o dicionário Cambridge, *juke joint* é um lugar com bebidas, música e jogos de apostas, geralmente gerenciados por e para pessoas negras no sul dos Estados Unidos. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/juke-joint>. Acesso em: 18 jun. 2025.

casal de moradores locais recém-transformados e membros da KKK – que desejam, então, entrar no Club Juke e matar todas as pessoas na festa, inclusive Samuel, a fim de capturar a habilidade dele de se comunicar com seus antepassados.

Ancestralidade e filiação

De acordo com Leda Maria Martins (2021), a ancestralidade engloba gerações anteriores e posteriores e é clivada por um tempo espiralar, ontologicamente experimentado. É essa ancestralidade que se manifesta na performance de Samuel, frequentemente percebida nas vivências amefricanas (Gonzalez, 2020). Por outro lado, a linearidade observada na transformação dos vampiros no filme se aproxima da noção de filiação.

Segundo Glissant (2021), a filiação está atrelada a uma linearidade temporal, a um projeto, e a legitimidade por meio da filiação é utilizada como justificativa para a colonização, possibilitando a construção de uma identidade-raiz. É possível dizer, ainda, que a legitimidade da filiação é a base do pacto da branquitude (Bento, 2022), porque visa a manutenção do poder.

Em *Sinners*, a filiação aparece na relação entre Remmick e os vampiros que ele transforma, bem como nos personagens que fazem parte da KKK. Enquanto na ancestralidade é ressaltado o tempo não-linear, a filiação indica uma tentativa de reproduzir a legitimidade “original”, ou seja, uma reprodução daquele que anteriormente tinha o poder. Dessa forma, aqueles transformados por Remmick passam a cantar músicas irlandesas, remontando às origens do vampiro e passando a reproduzir o desejo destruidor dele, da mesma forma que os membros da KKK se legitimam a partir da hereditariedade. A ancestralidade, então, se afasta da filiação, como é possível observar por meio da narrativa.

Referências

BELO, Pollyane. As várias dimensões de implicabilidade: Entrevista com Denise Ferreira da Silva. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 381–402, 2024. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufjf.br/eco_pos/article/view/28422. Acesso em: 9 jul. 2025.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.